

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Reestruturação produtiva, trabalho e educação. O caso da agroindústria na região do triângulo mineiro/brasil a partir da década de 1990.

Fabiane Santana Previtalli, Cílon César Fagiani, Carlos Lucena y Robson Luis e França.

Cita:

Fabiane Santana Previtalli, Cílon César Fagiani, Carlos Lucena y Robson Luis e França (2009). *Reestruturação produtiva, trabalho e educação. O caso da agroindústria na região do triângulo mineiro/brasil a partir da década de 1990. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1447>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Reestruturação produtiva, trabalho e educação

O caso da agroindústria na região do triângulo mineiro/brasil a partir da década de 1990

Fabiane Santana Previtalli

*Docente do Departamento de Ciências Sociais,
Universidade Federal de Uberlândia – DECIS/UFU
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Trabalho,
Educação e Sociedade – GPTES
Pesquisadora FAPEMIG
fabianesp@netsite.com.br*

Cílson César Fagiani

*Mestre em Agronomia ESALQ/USP
Pesquisador do GPTES
Técnico administrativo Laboratório de Manejo de Solo,
Instituto de Ciências Agrárias,
Universidade Federal de Uberlândia – ICIAG/UFU
cilsoncf@netsite.com.br*

Carlos Lucena

*Docente Programa de Pós-graduação em Educação,
Faculdade de Educação/UFU
Coordenador Grupo de Pesquisa
História, Trabalho e Educação
carloslucena@centershop.com.br*

Robson Luis e França

*Docente do Programa de Pós-graduação em Educação,
Faculdade de Educação/UFU
Membro do Grupo de Pesquisa
História, Trabalho e Educação
rlfranca@ufu.br*

1 - INTRODUÇÃO

Durante as últimas décadas as economias capitalistas desenvolvidas e em desenvolvimento vêm sofrendo profundas transformações. Essas transformações estão associadas, por um lado, a um processo de reestruturação das formas de organização do capital a nível internacional, sob a

influência da ordem político-econômica neoliberal. Por outro lado, estão associadas a uma nova onda de difusão de inovações tecnológicas e organizacionais ao longo das mais diversas cadeias produtivas, envolvendo transnacionalização das empresas e integração dos mercados, imprimindo um novo padrão nas relações interfirmas e uma nova dinâmica na concorrência intercapitalista (PREVITALLI; FARIA, 2008).

Sob a ótica do capital, cujo objetivo principal é a sua própria valorização, verifica-se um intenso processo de reorganização do trabalho com vistas à obtenção de maior flexibilidade e de elevação da produtividade mediante a introdução das inovações técnicas e/ou organizacionais. Esse processo vem afetando quantitativa e qualitativamente a força de trabalho, implicando em mudanças nas habilidades e qualificações requeridas, nos padrões de gestão da força de trabalho, no volume e na estrutura do emprego em diversos setores produtivos.

As mudanças em curso tem sido têm sido significativas nos chamados complexos agroindustriais¹, particularmente a partir da segunda metade da década de 1980. Os motivos envolvem a crescente mecanização de fases do processo produtivo, a adoção de insumos biotecnológicos que garantem maior produtividade, as novas relações interfirmas que visam integrar unidades produtivas e produtores rurais, bem como a necessidade de reestruturação do setor, visando à conquista de mercados no Brasil e no exterior. Nesse contexto, novas formas de organização do trabalho têm atingido um conjunto amplo de trabalhadores que vêm experimentando mudanças tanto de ordem tecnológica quanto nas relações sócio-culturais de trabalho.

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de reestruturação produtiva no Brasil teve início nos anos 1980, de forma restrita, limitada e seletiva, difundindo-se com maior intensidade a partir da década de 1990 (ALVES, 2000; ANTUNES, 2005). Nesse período, a introdução das inovações técnicas e/ou organizacionais passou a assumir um caráter mais sistêmico ao longo da cadeia produtiva dos setores econômicos², envolvendo uma nova divisão do trabalho mediante as estratégias de focalização, terceirização e subcontratação (PREVITALLI, 2006; 2008). Verificou-se ainda um processo de descentralização produtiva e realocação geográfica de unidades produtivas, caracterizadas pelas transferências de

¹ Os complexos agroindustriais resultam da convergência de interesses entre instituições públicas e privadas em um determinado nível ou âmbito organizacional. Consultar Graziano da Silva (1998).

² Cumpre dizer que o processo de inovação implica no comprometimento e participação do trabalhador de chão de fábrica na forma de sugestões e projetos sobre o sistema produtivo no dia-a-dia no local de trabalho, abrindo a possibilidade de trabalhadores, comissões de fábrica e o movimento sindical intervirem na dinâmica da introdução das novas formas organizacionais do processo de produção. Um dos principais exemplos nesse sentido ocorreu no setor automotivo quando foi estabelecido um acordo coletivo em 1995 entre a empresa montadora Mercedes-Benz, a Comissão de Fábrica e o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC no sentido de implementar o trabalho em grupo na empresa. Consultar Bresciani, 2001; Previtali, 2002 e 2006.

plantas industriais para regiões do país nos quais, com níveis salariais mais baixos e uma menor organização do movimento sindical (PREVITALLI, 2006; 2008).

No que se refere ao especificamente ao setor agroindustrial Graziano da Silva (1996) afirma que quando se articula a globalização à agricultura, não se pode dizer que a última esteja totalmente globalizada. Mesmo aquela parte que não esta, está afetada profundamente pela transnacionalização e cresce à sua sombra, ou melhor, nos espaços não ocupados pelas empresas transnacionais. Em suma, o que se globalizou, o que se difundiu em todo o mundo, foi uma maneira de produzir e uma maneira de consumir de uma parte da população. É como se houvesse uma tendência de continuar a produzir de uma forma mais ou menos padronizada (ou com diferenciações pré-determinadas), mas com possibilidades de grande flexibilização na distribuição e nos serviços que se agregam ao produto. O impacto da globalização sobre a agricultura é uma nova divisão internacional de trabalho que está se esboçando. A reconstrução de plataformas exportadoras de produtos agrícolas impulsiona países como Brasil e Argentina na direção de retornar a um modelo primário exportador.

Os efeitos sociais decorrentes desse processo para o Brasil não devem ser negligenciados. Graziano da Silva (1996) oferece importante contribuição ao analisar a massa de pobres e excluídos produzidos pelas profundas transformações sofridas pela agricultura brasileira nas últimas décadas. O autor afirma que a pobreza no meio rural deve ser estudada a partir das transformações estruturais as quais atingiram a agricultura e as populações rurais no período recente e que estas são decorrentes, em larga medida, do processo desigual e excludente que assumiu o desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

Para o autor o quadro que se apresenta não permite alimentar perspectivas alentadoras e imediatas favoráveis à diminuição da pobreza e da exclusão social no meio rural. Existem limites para a inserção formal dos trabalhadores excedentes do campo no mercado de trabalho urbano-industrial via migrações campo-cidade. O avanço tecnológico poderá trazer conseqüências para a agricultura, especialmente, no que se refere às biotecnologias, à engenharia genética e as tecnologias da informação. Embora estas inovações possam criar novos empregos e ocupações antes inexistentes no meio rural, as novas tecnologias e mudanças organizacionais introduzidos na agricultura, são altamente seletivas em relação ao uso de força de trabalho, sobretudo quando se trata de trabalhadores com baixa qualificação profissional.

De acordo com Vilela (1999) o desengajamento do Estado articulado ao enfraquecimento da integração vertical das cadeias outrora administradas relacionado com a elaboração de políticas públicas para o emprego rural, a agricultura familiar e o equilíbrio do desenvolvimento territorial tem concretizado problemas sociais no campo. Os sistemas agroalimentares centralizados, integrados ao

mercado global na base de uma produção de massa, encontram limites sociais, técnicos, ecológicos e econômicos.

2 – BREVE HISTÓRICO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO NO BRASIL

Na história do Brasil podemos observar a existência do cultivo da cana de açúcar desde os mais primórdios anos com a chegada dos portugueses. A região nordeste apresentou clima e solo muito favoráveis ao cultivo da cana e tendo seu produto, o açúcar, excelente aceitação na Europa, este alcançava elevados valores de comercialização. No Brasil Colonial a base da economia brasileira era o engenho de açúcar e a cana de açúcar era cultivada como único produto em grandes fazendas, sendo a produção de açúcar voltada para o comércio externo (FURTADO, 2007).

No final do século XIX, a modernização da indústria do açúcar foi fundamentada na política de garantia de juros, nos empréstimos públicos e na isenção de tarifárias na importação de equipamentos. O principal objetivo da política de modernização açucareira era aumentar a escala produtiva, reduzindo os custos de produção (FURTADO, 2007). Para abastecer a demanda dos engenhos centrais era preciso produzir e transportar matérias-primas de outras localidades, fazendo com que o engenho central passasse a depender não só de sua área de cultivo, mas também da cana-de-açúcar cultivada por terceiros. Dessa forma, a política de modernização da indústria açucareira resultou na criação de uma nova classe de agentes: os fornecedores de cana-de-açúcar que permanece até os dias atuais. A produção dos fornecedores de cana seria destinada aos engenhos centrais e mais tarde às usinas de açúcar e álcool³.

No século XX o complexo agroindustrial sucroalcooleiro teve sua expansão empurrada pelas políticas de governo a partir de 1970 com o advento do Pro-Álcool. Cumpre dizer que o setor teve todo o seu desenvolvimento histórico atrelado à participação do Estado na definição de políticas agrícolas e industriais e de grupos econômicos atuando junto ao Estado, buscando vantagens competitivas (GRAZIANO DA SILVA, 1998).

Em meados da década de 1980, com o início da desregulamentação da economia sucroalcooleira, as empresas implementaram um processo de reestruturação produtiva em decorrência das mudanças no cenário político e econômico nacional e internacional. A partir de então, a reestruturação do setor passou a ser orientada, principalmente, pelas demandas do mercado

³ De 1875 em diante os fornecedores de cana estiveram presentes nas políticas de incentivo e regulação da indústria de açúcar e álcool, especialmente no período do Estado Novo e da Ditadura Militar. A iniciativa pela separação das atividades agrícolas e industriais foi incentivada pelos próprios senhores de engenho, que optaram por manter seus negócios no cultivo da cana-de-açúcar para manter o domínio territorial em suas regiões de influência política. Consultar Queda, 1972.

externo e comandada pela introdução de novas tecnologias de produção e de organização inspirados no chamado modelo japonês da qualidade total (TRUZZI, 1989; PREVITALI, 2006; 2008).

Vale dizer que é o interior do estado de São Paulo que concentra a maior parte das usinas e destilarias do setor sucroalcooleiro, bem como as áreas destinadas ao plantio da cana-de-açúcar. As usinas localizadas nas regiões de Campinas e de Ribeirão Preto são as mais eficientes do país, alcançando altos níveis de produtividade em função do grande intercâmbio existente entre as unidades produtivas e centros de pesquisa, tanto públicos quanto privados⁴. Essas relações traduzem-se em constante aprimoramento tecnológico que, por sua vez, acentuam cada vez mais a necessidade de profissionais aqualificados e especializados particularmente nas áreas de computação, instrumentação, química, agronomia, administração e logística.

3 - PANORAMA DO SETOR

O Brasil é atualmente o maior produtor mundial de cana-de-açúcar do mundo, empatando com a Índia, sendo isoladamente o maior produtor de açúcar de álcool e o maior exportador mundial de açúcar (CONAB, 2008). O produtor de açúcar mais competitivo do mundo atualmente é o Brasil (CONAB, 2008). Os países concorrentes mais próximos do Brasil são a Austrália com um custo de produção de US\$ 270/tonelada e a Tailândia com custo de US\$ 310/tonelada. Os custos de produção do açúcar na Europa e nos EUA são superiores a US\$ 500/tonelada, com a produção de açúcar fortemente subsidiada (CONAB, 2008).

A expansão da área cultivada pode ser observada no território brasileiro como objetivo de atender às necessidades das usinas que vem transpondo as fronteiras das regiões e dos estados com tradição no cultivo da cana como são os casos da zona da mata do Nordeste, nos estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Também há os novos investimentos que avançam em áreas da região Centro-Oeste, nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. No Sul do Brasil, o Paraná é o terceiro maior produtor de cana do país. No Sudeste, a cana ganha novos espaços em Minas Gerais, Espírito Santo e no Rio de Janeiro. No Nordeste, também é significativa a expansão da cultura nos estados da Bahia e do Maranhão (CONAB, 2008). Minas Gerais ocupa o segundo lugar entre os maiores produtores de cana do Brasil, produção essa que se concentra, principalmente, na região do Triângulo Mineiro (CONAB 2008). A participação do triângulo mineiro na safra 2008/09 foi de 70% cana de açúcar, 83% de açúcar e 63% de álcool (SINDIAÇUCAR, 2008). Cumpre ressaltar ainda que

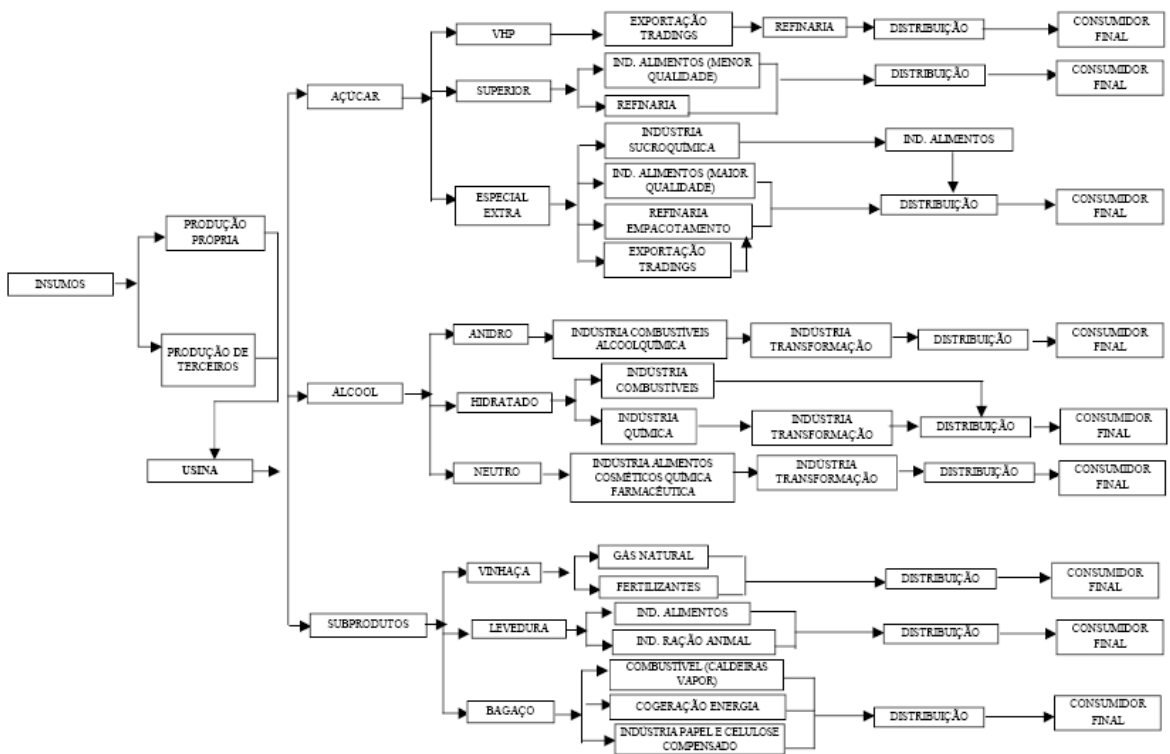
⁴ É o caso da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Piracicaba/SP que possui laboratórios próprios de pesquisa, da ESALQ/USP que realiza importantes trabalhos sobre o setor sucroalcooleiro e de universidades privadas que ofertam cursos especializados para o setor sucroalcooleiro.

a expansão da produção sucroalcooleira vem sendo acompanhada de processo crescente de fusões e aquisições que estão implicando na internacionalização do setor.

A cadeia de produção sucroalcooleira tem como principais produtos e subprodutos da cana-de-açúcar a água de lavagem, o bagaço, folhas e pontas e o caldo. Os principais produtos e subprodutos do álcool são o etanol, a vinhaça, o gás carbônico, o óleo de fúsel, recuperação de leveduras. O principal uso do etanol por ordem de importância no Brasil é o de combustível veicular, indutor de octanagem e solvente. O etanol pode ser usado na forma desidratada para produção de etileno, PEVC, polietileno, poliestireno, óxido de etileno e na forma desidrogenada para produção de acetaldeído que por sua vez entra na produção de crotonaldeído, ácido acético e vários outros. Como gás carbônico é usado na produção de gelo seco, bicarbonato de amônio. Como óleo de fúsel é usado na produção de álcoois amílico, isoamílico, propílico. Na recuperação de leveduras pode ser usado na fermentação alcohólica e na nutrição animal.

Já os principais produtos e subprodutos do açúcar são o consumo do açúcar direto, a indústria sucroquímica produzindo glicose, frutose, ácido oxálico, polióis, glicerina, ácido levulínico, ácido arabiônico, sorbitol, manitol, sacarose e derivados. A seguir é apresentado um fluxograma da cadeia produtiva sucroalcooleira segundo Waack e Neves (1998).

Figura 1 - Fluxograma da Cadeia Produtiva Sucroalcooleira



Fonte: Waack e Neves (1998).

A produção de cana, álcool e açúcar no Brasil passou por mudanças, a partir da década de 2000. Com a retomada do Projeto Proálcool houve uma grande expansão na sua capacidade produtiva. Como pode ser observado na Tabela 1, de 2000 a 2008 houve um elevado crescimento na área plantada (73%), na produção de cana (72%) e significativo aumento na produtividade (13%). Na tabela 2 observamos um crescimento tanto na produção de álcool (141%) quanto na produção de açúcar (66%) entre as safras de 2001/2002 e 2008/2009.

Tabela 1 – Evolução da Produtividade da Cana-de-açúcar no Brasil

Ano Year	Área (milhões de hectares) Area (million hectares)		Produção Production (milhões de ton.) (million ton.)	Rendimento Yield (Ton/ha)
	Área Plantada Planted Area	Área Colhida Harvested Area		
2000	4,82	4,82	325,33	67,51
2001	5,02	4,96	344,28	69,44
2002	5,21	5,10	363,72	71,31
2003	5,38	5,37	389,85	72,58
2004	5,57	5,63	416,26	73,88
2005	5,62	5,76	419,56	72,83
2006	7,04	6,19	457,98	74,05
2007	7,37	6,56	489,96	74,73
2008	8,36	7,29	558,14	76,61

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Tabela 2 – Evolução na produção de álcool e açúcar no Brasil durante as safras de 2001/2002 até 2008/2009.

Safras Crop-years	Álcool Anidro Anhydrous (m³)	Álcool Hidratado Hydrated (m³)	Álcool Ethanol Total (m³)	Açúcar Sugar (ton)	Cana-de-açúcar Sugar Cane (ton)
01/02	6.479.187	4.988.608	11.467.795	18.994.363	292.329.141
02/03	7.009.063	5.476.363	12.485.426	22.381.336	316.121.750
03/04	8.767.898	5.872.025	14.639.923	24.944.434	357.110.883
04/05	8.172.488	7.035.421	15.207.909	26.632.074	381.447.102
05/06	7.662.622	8.144.308	15.806.930	26.214.391	382.482.002
06/07	8.077.816	9.853.835	17.931.651	30.701.281	428.318.419
07/08	8.464.520	13.981.459	22.445.979	31.297.619	495.843.192
08/09	9.630.471	18.043.608	27.674.079	31.504.983	572.635.712
09/10(*)	198.669	1.582.064	1.780.733	1.658.735	31.226.572

Fonte: DCAA/SPAEMAPA

(*) Posição em 01/05/2009 / Posicion of 05/01/2009 PRELIMINAR

4 – O SETOR AGROINDUSTRIAL SUCROALCOOLEIRO NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

O Triângulo Mineiro é uma das dez regiões do estado de Minas Gerais. É formado pela por 35 municípios e 4 microrregiões. Faz parte da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. É uma das regiões mais ricas do estado, com a economia voltada para a agroindústria. As principais indústrias instaladas na região relacionam-se aos setores de processamento de alimentos e de madeira, de açúcar e álcool, fumo e de fertilizantes. Nos últimos anos essa região é a que mais tem recebido investimentos e mais empregos tem gerado.

A expansão do setor sucroalcooleiro na região vem ocorrendo, em grande medida, em função de incentivos governamentais à produção do biodiesel como insumo alternativo ao petróleo. A produtividade da cana de açúcar tem aumentado em decorrência de novas tecnologias agrícola e industrial (COSTA et al, 2003). Vale destacar que o Brasil possui significativa competência tecnológica para a produção do etanol a partir de cana-de-açúcar⁵. A Tabela 3 apresenta a classificação dos municípios produtores de cana de açúcar na região do triângulo mineiro.

Tabela 3 – Classificação dos Municípios Produtores de Cana de Açúcar na Região do Triângulo Mineiro (Safrá 2008/09)

Posição	Município
1º	Frutal
2º	Uberaba
3º	Conceição das Alagoas
4º	Iturama
5º	Campo Florido
6º	Canápolis

Fonte: A partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

A região está sendo apontada como uma área propícia para o cultivo, dada a qualidade de suas terras, o valor menor destas em relação a outras regiões como o interior de São Paulo, sua localização estratégica, possibilitando escoamento rápido da produção e oferta de força de trabalho, atraindo o capital nacional e estrangeiro. Segundo o Sindaçucar, a estimativa é que dos 706,9 mil hectares de cana plantada no Estado na safra de 2009/10, 37%, o que corresponde a 261, 5 hectares, sejam colhidos de forma mecanizada na região (pesquisa de campo).

Apesar da estimativa acima apontada e de certo grau de mecanização, o que observamos em nossa pesquisa foi o trabalho braçal sendo utilizado em larga escala tanto pelas usinas em suas plantações, como nos produtores rurais fornecedores de cana e nos assentamentos rurais, nos quais

⁵ Anais do Congresso Brasileiro de Agrobioenergia e Simpósio Internacional de Biocombustíveis. 28 de setembro a 03 de outubro de 2008. ICIAG/UFU.

os assentados estão arrendando suas terras para plantação da cana. Constatamos ainda que está havendo um processo de realocação geográfica de empresas localizadas em outras regiões do país, entre elas o interior do estado de São Paulo⁶ e do nordeste, para a região do Triângulo, em função da qualidade e disponibilidade das terras, incentivos governamentais e oferta de força de trabalho. As mudanças introduzidas na base técnica e na divisão e organização do trabalho ao longo da cadeia têm se mostrado intensas, encontrando um movimento sindical ainda pouco organizado em suas práticas de resistência.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as últimas décadas as economias capitalistas desenvolvidas e em desenvolvimento vêm sofrendo profundas transformações, as quais têm sido significativas no complexo agroindustrial sucroalcooleiro, particularmente a partir da segunda metade da década de 1980. Os motivos envolvem a crescente mecanização de fases do processo produtivo, a adoção de insumos biotecnológicos que garantem maior produtividade, as novas relações interfirmas que visam integrar unidades produtivas e produtores rurais, bem como a necessidade de reestruturação do setor, visando à conquista de mercados no Brasil e no exterior. Nesse contexto, novas formas de organização do trabalho têm atingido um conjunto amplo de trabalhadores que vêm experimentando mudanças tanto de ordem tecnológica quanto nas relações sócio-culturais de trabalho

O Brasil é atualmente o maior produtor mundial de cana-de-açúcar do mundo. É ainda o maior produtor de açúcar de álcool e o maior exportador mundial de açúcar, sendo a expansão do setor significativa na região do triângulo mineiro em razão de incentivos governamentais à produção do biodiesel como insumo alternativo ao petróleo. Apesar de grande ênfase dada ao processo de mecanização e de qualificação de trabalhadores do setor, observamos em nossa pesquisa, cujos dados são preliminares, que o trabalho braçal continua sendo utilizado em larga escala em precárias condições de trabalho. Constatamos ainda que as mudanças introduzidas na base técnica e na divisão e organização do trabalho ao longo da cadeia, envolvendo usinas e fornecedores, muitos deles assentados rurais têm se mostrado intensas, encontrando um movimento sindical ainda pouco organizado em suas práticas de resistência

⁶ Essas informações constituem dados preliminares de pesquisa sobre a expansão da agroindústria na região do Triângulo Mineiro e implicações sobre os trabalhadores que está sendo desenvolvida junto ao GPTES/DECIS/FAFCS/UFU e do PPGED/FACED/UFU. Foram pesquisadas duas usinas produtoras de açúcar e álcool (Campo Florido e Frutal) e o sindicato rural de Campo Florido durante os meses de novembro e dezembro de 2008 e primeiro semestre de 2009. Agradecemos a toda a equipe envolvida na pesquisa de campo, aos entrevistados e ao apoio institucional da Universidade Federal de Uberlândia.

Bibliografia

- ALVES, G. *O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo. 2000.
- ANTUNES, R. *O Caracol e sua Concha*. São Paulo: Boitempo. 2005.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO: CONAB. 2009.
- FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Cia das Letras. 2007.
- GRAZIANO da SILVA, J. A globalização da agricultura. IN: SILVEIRA, M. A. da; VILELA, S. L. de O. ed. *Globalização e sustentabilidade da agricultura*. Jaguariúna: Embrapa-CNPMA, 1998. pp. 29-42.
- GRAZIANO da SILVA, J. O novo rural brasileiro. In: *Congresso Brasileiro De Economia E Sociologia Rural*, 34, 1996, Aracaju – SE. Anais... Aracaju, SE: SOBER, 1996. pp. 71-90.
- Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias - GCEA/IBGE, DPE, COAGRO - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, Abril 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2009.
- LUCENA, C. A., LOMBARDI, J.C., FERRI C. Educação, qualificação profissional e empregabilidade em Caçador SC. Anais da III Jornada do Histedbr. Americana: Unisal, 2003.
- PREVITALI, F.S.; FARIA, A. F. Reestruturação Produtiva, Trabalho e Qualificação: um estudo sobre o setor de tabaco em Uberlândia/MG. IN: LUCENA, C. (Org). *Trabalho, Precarização e Emancipação Humana*. Campinas: Alínea. 2008. pp. 85-110.
- PREVITALI, F. Dinámica del progreso técnico y relaciones de clase en el capitalismo: el caso de una empresa de montaje em el Brasil de los años noventas. IN: *Estudios Latinoamericanos*. Nueva Época, núm. 21, enero-junio, 2008. pág. 61-84.
- PREVITALI, F. S “Controle e Resistência do Trabalho na Reestruturação Produtiva do Capital no Setor Automotivo”, IN: *Mediações*. Vol.1. N.1. Londrina: MC Gráfica. 2006.
- SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FABRICAÇÃO DO ÁLCOOL NO ESTADO DE MINAS GERAIS. 2008.
- TRUZZI, O. M. S. “Automação e Trabalho na Indústria Sucro-alcoólica” . IN: *Cadernos da Engenharia de Produção*. Ano V. N. 14. 1989. pp: 262 – 286.
- VILELA, S. L. O. *Globalização e Emergência de Múltiplas Ruralidades: reprodução social de agricultores via produtos para nichos de mercado*. Tese de doutorado: IFCH/Unicamp, 1999.

- WAAK, R.S.; NEVES, M.F. Competitividade do sistema agroindustrial da cana-de-açúcar. In: *Competitividade no agribusiness brasileiro*. São Paulo, coordenação: Fariana, E.M.M.Q. e Zilbersztajn. IPEA, PENSA, USP. V.5, 1998.